

# Ordem do Dia

Rubem Braga

**F**OI com emoção que eu soube, por uma notícia de jornal, que um amigo de infância está entre os oficiais do Corpo Expedicionário. Lembrei-me, vendo o nome daquele capitão, de uma conversa que tivemos quando ele entrava para a Escola Militar, tantos anos atrás. Eu entrava para uma escola superior, onde fui estudar coisas que jamais me foram de qualquer utilidade — e não entendia a razão pela qual ele preferira a carreira das armas. Tanta coisa para estudar — e vai um homem aprender a matar! Por que não estudava coisa mais útil, mais construtiva ou, pelo menos, mais bela?

Mas a vida rodou. Crescemos, ele e eu, em um mundo cheio de lutas, e esse mundo não fez outra coisa, desde os nossos 15 anos, do que preparar nosso espírito, através de conflitos e guerras parciais, para esta horrível guerra mundial. Ele é que tinha razão. Ele é o homem de seu tempo, e a tarefa que tem pela frente é a mais útil, a mais construtiva e também a mais bela que qualquer homem do Brasil pode empreender hoje. É bem possível que o capitão não se lembre mais daquela distante conversa de cadete; está demasiado ocupado em se preparar, e preparar os homens de sua Companhia, para a guerra nos campos da Europa.

Prepara-se para matar — ou para morrer. Mas matando ou morrendo ele não estará destruindo, estará construindo. Não estimo ler artigos nem ouvir discursos em que esta guerra é apresentada como um conflito entre o Bem e o Mal — o Bem de nosso lado, o Mal do lado de lá. Os homens e os países não se dividem em anjos e demônios; dividem-se segundo uma complexa dinâmica social, correntes de sentimentos e interesses que se misturam e se chocam.

Deflagrada pelo imperialismo faminto dos capitalistas alemães, esta guerra desde o início já foi, porém, algo mais que uma luta inter-imperialista. Os governantes que na França e na Inglaterra haviam assinado o pacto de Munique e começaram a fazer a guerra, fracassaram exatamente porque não compreenderam ou fingiram não compreender isso. O que molemente pretendiam fazer era uma outra guerra de 914-18; e a França nos deu o exemplo vergonhoso de burgueses mais ciosos de seus privilégios de classe que de qualquer sentimento de dignidade nacional e humana. Nos livros que contam a queda da França vemos muitas vezes o exemplo desses "donos do país", entregando a Hitler tudo — os soldados, a terra, o povo — na esperança mesquinha de salvar as rendas. Naquele momento o Brasil ficou neutro — e não era cabível outra atitude. O que nos cumpria fazer era nos irmos preparando para a guerra — que já se anunciava, também para nós, perfeitamente inevitável — sem nos comprometermos em uma luta que era jogada quase exclusivamente, e por culpa do reacionarismo dos "democratas" tipo Chamberlain, no terreno da disputa de interesses imperialistas. Com toda a sua formação conservadora, Churchill foi entretanto, bastante inteligente e corajoso para desprezar os "slogans" da propaganda nazista. A aliança entre a Inglaterra, os Estados Unidos e a Rússia, condição essencial da derrota nazista, não teria sido possível ou teria perigado se Churchill se deixasse levar, como outros o fizeram, por odios e temores de classe.

Seria insensato querer esconder os graves problemas que a Vitória trará para o mundo. Já no desenvolvimento da guerra eles vão surgindo, às vezes de maneira incubetante. Mas se os velhos opressores e exploradores trabalham no escuro para ajeitar a Vitória a seus interesses de grupo, as grandes massas da humanidade enxergam seus próprios problemas com uma clareza cada vez maior. E tenhamos confiança: através das lutas e incompreensões o mundo irá marchando para melhor. Nós, brasileiros, temos fortes motivos para acompanhar com o maior interesse essa guerra surda que se trata na retaguarda dos exércitos. Mas não temos dois caminhos a seguir. Nossa tarefa é clara: ajudar a arrebentar a máquina monstruosa do nazismo, ameaça ao Brasil e ao mundo. Isso é o essencial, é o urgente — é, a só um tempo a necessidade, a honra e o dever. A estupidez nazista já se encarregou de vir até nos fazer demonstrações frias e covardes de si mesma. Entramos na guerra. Nosso Corpo Expedicionário não vai resolver a parada: mas nenhuma espécie de quinta-colunismo me parece mais sordida que a exploradora da tese do "não adianta". Aplicada aqui e ali, pelo mundo afóra, essa tese teria entregue o mundo inteiro às mãos ensanguentadas de Hitler. Adianta! Nossos soldados se juntarão a soldados de outras partes do mundo; é com milhares que se fazem milhões. Mandaremos tantos milhares de homens adestrados e equipados quantos pudermos. Mandassemos 10 homens — e seriam 10 homens capazes de matar homens, ou de morrer como homens. Isto é o importante, e nesse momento o que não é isto não é importante. Unámonos para a guerra — e que, nesta tarefa de união, os que mais podem fazer sejam os que mais façam, e mais rapidamente.

27